

A dimensão avaliativa envolvendo a microconstrução com o marcador discursivo *veja bem*

Lauriê Ferreira Martins (UFJF) | Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo investigar o desenvolvimento da microconstrução com o marcador discursivo (MD) *veja bem*, em fala opinativa, a partir do esquema construcional *verbo de percepção visual em configuração imperativa*. Dessa maneira, tomaremos os pressupostos teóricos da abordagem da gramaticalização de construções (Traugott, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010, 2011a, 2011b; Noël, 2007; Bybee, 2010, 2011; Fischer, 2011; Gisborne & Patten, 2011; Traugott & Trousdale, 2013) e da abordagem interacional (Goffman, 2002 [1979], 2002 [1981]; Schiffrin, 1987, 1990; Gille, 2001; Vieira, 2007), de forma a evidenciar que a associação entre elas pode auxiliar na compreensão de construções linguísticas que subjazem à interação comunicativa. Para a análise qualitativa dos dados, utilizaremos três *corpora* distintos representativos da modalidade oral da língua: o *corpus* do Projeto Mineirês: a construção de um dialeto, o *corpus* do projeto PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua e o *corpus* do projeto NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro. Dessa maneira, com este trabalho, pretendemos (a) demonstrar a multifuncionalidade da construção com o MD *veja bem* – em um nível mais global –, (b) bem como as suas funções no contexto de avaliação em fala opinativa – em um nível mais específico. Os resultados apontam que o contexto de sustentação de opinião parece ser o local privilegiado para a ocorrência da construção com o MD *veja bem*, a qual articula tanto função textual quanto função interacional.

1. Introdução

O presente artigo tem como objeto de estudo a microconstrução com o marcador discursivo (doravante, também, MD) *veja bem* – sob o enfoque da abordagem da gramaticalização de construções (Traugott, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010, 2011a, 2011b; Noël, 2007; Bybee, 2010, 2011; Fischer, 2011; Gisborne & Patten, 2011; Traugott & Trousdale, 2013), – e os movimentos argumentativos de sustentação e de avaliação em fala opinativa – sob o enfoque da abordagem interacional (Goffman, 2002 [1979], 2002 [1981]; Schiffrin, 1987, 1990; Gille, 2001; Vieira, 2007). Nossos objetivos principais são: (i) aliar, ainda que de forma incipiente, duas perspectivas distintas de pesquisa, de maneira a evidenciar que a associação entre elas pode auxiliar na compreensão de construções linguísticas que subjazem à interação comunicativa e (ii) investigar a realização da avaliação em torno da microconstrução com o MD *veja bem*, verificando como esta atua no contexto de fala opinativa.

Nossa proposta de interface constitui uma vertente promissora aos estudos linguísticos, uma vez que considera que a gramática tem suas motivações nas necessidades comunicativas dos participantes no momento da interação. Desse modo, ainda que distintas, as abordagens da gramaticalização de construções e interacional

focalizam a língua em uso, preocupando-se em compreender as unidades linguísticas e as suas funções no contexto social.

Para uma análise qualitativa dos dados, adotamos uma abordagem sincrônica, a partir de amostras representativas que recobrem a modalidade oral do português brasileiro, contidas em três *corpora* distintos, a saber: o *corpus* do *Projeto Mineirês: a construção de um dialeto*¹, o *corpus* do projeto *PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*² e o *corpus* do projeto *NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro*³.

Inicialmente, discutiremos acerca da interface gramaticalização de construções e interação, para a investigação da avaliação em construções com o MD *veja bem* na fala opinativa. Posteriormente, trataremos da metodologia que fundamenta nossa pesquisa. Por fim, realizaremos a análise dos dados e apresentaremos nossas considerações finais.

2. A interface gramaticalização de construções e interação

Tem aumentado, nos últimos anos – como apontam Dias, Vieira e Ferreira (2008) –, o interesse de estudiosos pela investigação dos fenômenos linguísticos a partir da associação entre gramática e interação. Os próprios autores propõem um trabalho com cláusulas de finalidade e construções apositivas no âmbito da sustentação do ponto de vista em uma audiência de conciliação. Todavia, tal interface consiste, ainda, em um campo extenso e não totalmente explorado pelos pesquisadores da língua.

Embora configurem perspectivas distintas, cada qual com seus pressupostos teóricos e metodológicos particulares, tanto a abordagem da gramaticalização de construções – sob a perspectiva funcionalista⁴ – quanto à abordagem interacional focalizam a língua em uso, ou seja, estão interessadas na investigação dos padrões linguísticos e discursivos que emergem das necessidades comunicativas, mais especificamente, da negociação de sentido entre falante e ouvinte no momento da interação.

Teorias funcionalistas têm assumido uma forte ligação entre gramática e discurso, como podemos observar em Hopper (1987), por exemplo, que propõe a noção de *gramática emergente*. Segundo o autor, a gramática não constitui um produto acabado, mas, sim, em constante (trans)formação. Segundo Gonçalves *et al.* (2007, p. 15), Hopper (1987)

¹ Disponível em <http://www.letas.ufmg.br/mineires/>. Acesso em 15 de mar. de 2012.

² Disponível em <http://www.letas.ufjr.br/peul/amostras%201.html>. Acesso em 15 de mar. de 2013.

³ Disponível em <http://www.letas.ufjr.br/nurc-rj/>. Acesso em 15 de mar. de 2012.

⁴ Segundo Cunha (2008, p. 173), no funcionalismo, “a gramática é vista como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Isso implica reconhecer que, ao lado de padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, a gramática de qualquer língua exhibe mecanismos de codificação emergentes, que são consequentes da necessidade de formas mais expressivas”.

entende a gramática das línguas como constituída de partes cujo estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo em princípio ser separado das estratégias de construção do discurso. Subjazem a esse entendimento uma concepção de língua como atividade no tempo real e a postulação de que a rigor, não há gramática como produto acabado, mas sim em constante gramaticalização (Gonçalves *et al.*, 2007, p. 15).

Atrelada à relação entre gramática e discurso está a ideia de construção. Waltereit (2011) destaca que gramática e discurso, pensados a partir da noção de construção, constituem fins opostos de um *continuum* definido por uma esquematização crescente. Sendo assim, construções altamente esquemáticas e abstratas estariam no final do *continuum* da gramática e os construtos mais afastados das construções estariam no início do *continuum* discursivo – *discurso* > *gramática*.

A abordagem da gramaticalização de construções (Traugott, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010, 2011a; Nöel, 2007; Bybee, 2010, 2011; Fischer, 2011; Gisborne & Patten, 2011), ou mais recentemente denominada construcionalização (Traugott, 2011b; Traugott & Trousdale, 2013), diz respeito a mudanças linguísticas que envolvem tanto um processo mais geral ou abstrato, que compreende a atração de formas e/ou funções a partir de um esquema construcional já existente – através do mecanismo da analogia –, quanto um processo mais local, que consiste na reinterpretação de formas e/ou funções em contextos específicos de uso no momento de negociação de sentido entre falante e ouvinte – através do mecanismo da reanálise. Segundo Traugott (2011b), a gramaticalização de construções individuais (como é o caso da microconstrução com o MD *veja bem*), as quais se desenvolveriam a partir de esquemas abstratos pré-existentes, também possibilitaria o estabelecimento de extensas redes construcionais na língua, isto é, mudanças em microconstruções específicas afetariam e seriam afetadas por esquemas gerais.

Em Martins (2013), investigamos o processo de gramaticalização de marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração imperativa a partir de uma abordagem construcional. Nesse trabalho, buscamos, de maneira mais específica, a identificação e a descrição dos possíveis padrões construcionais que configurariam os seguintes níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a), os quais sistematizariam a gramaticalização dos MDs investigados em uma perspectiva sincrônica: *macroconstrução*, *mesoconstruções* e *microconstruções* (ou *construtos*⁵). Em outras palavras, em Martins (2013), verificamos como cada padrão construcional dos MDs derivados de “olhar” e de “ver” em configuração imperativa se realiza como uma microconstrução dentro de cada mesoconstrução a que está vinculada. Por conseguinte, observamos como cada padrão construcional dos MDs

⁵ Algumas ocorrências apresentaram uma baixa frequência de uso em nossa amostra, podendo, assim, configurar um construto, e não uma microconstrução.

em questão se realiza como uma mesoconstrução dentro de uma macroconstrução ou esquema abstrato mais geral.

Nesse contexto, sinalizamos, com base na análise qualitativa e no cálculo da frequência de uso das ocorrências, (i) que a macroconstrução que configura o esquema construcional mais abstrato é representada pelos MDs derivados de “olhar” e de “ver” em configuração imperativa e na segunda pessoa do discurso (P2), no domínio funcional da *chamada de atenção do ouvinte*, (ii) que as mesoconstruções que constituem um esquema que seria seguido pelos falantes no momento da instanciação de novos construtos, as quais se estabelecem mediante um padrão construcional formal e semântico-pragmático específico, são *prefaciação*, *opinião/sustentação*, *discurso reportado*, *interjeição* e *contraexpectativa* e (iii) que as microconstruções (ou, em alguns casos, construtos) – com os MDs *olha*, *olhe*, *mas olha*, *pois olha*, *olha aí*, *olha bem*, *olha só*, *olha aqui*, *e olhe lá*, *vê*, *veja*, *vê lá*, *vê só*, *veja bem* e *deixa eu ver* –, apesar de serem agrupadas em suas respectivas mesoconstruções devido as suas similaridades, apresentam particularidades em relação ao par forma-sentido que as configuram (Martins, 2013).

É desse modo que, a partir do estudo realizado em Martins (2013), trataremos, neste trabalho, da microconstrução *veja bem* – que integra a mesoconstrução *opinião/sustentação* e a macroconstrução *chamada de atenção do ouvinte* –, de maneira a verificar como esta atuaria em contexto de fala opinativa. Entendemos, portanto, que o estudo da avaliação na microconstrução com o MD *veja bem* na fala opinativa constitui uma importante vertente de investigação, uma vez que aponta padrões linguístico-discursivos que emergem em contextos específicos de interação comunicativa, auxiliando na compreensão de como a avaliação integra a microconstrução em seqüências argumentativas.

Segundo Vieira (2007), a avaliação, que tem sido frequentemente investigada nos estudos acerca das narrativas, está também presente nos estudos sobre a argumentação, ainda que de maneira indireta, na própria definição de *ponto de vista* – considerado por Schiffrin (1990) como a expressão da opinião. A esse respeito, Vieira (2007, p. 10) afirma o seguinte:

Ora, se a opinião tem sido tradicionalmente entendida como um mecanismo interno e subjetivo – chamado algumas vezes *atitude* (Eiser & Van Der Plicht, 1988) – então, o ponto de vista que está sendo defendido encontra-se de alguma forma relacionado à subjetividade daquele que está argumentando (Vieira, 2007, p. 10).

Schiffrin (1987) associa a argumentação à avaliação quando define a *posição*, uma das três partes⁶ que compõem a argumentação. A posição, de acordo com a

⁶ Além da posição, a argumentação também é composta pela disputa e pela sustentação, as quais serão abordadas a seguir.

autora, que diz respeito ao ponto de vista defendido pelo falante, é constituída pela *ideia* (conteúdo proposicional) e pelo *compromisso* (alinhamento). Vieira (2007) destaca que o alinhamento pode ser entendido, a partir de Goffman (2002 [1981]), como a postura assumida pelo falante ao apresentar sua opinião em relação ao conteúdo proposicional e, também, às relações interpessoais no momento da interação. Segundo Vieira (2007, p. 107),

[...] podemos compreender que o *alinhamento* (Goffman, 1981) adotado pelo falante está relacionado ao *compromisso* (Schiffrin, 1987), pois o papel que se assume é uma forma de comprometimento, já que os locutores podem distanciar-se do que é dito, apenas animando a fala de outrem, ou alinhar-se à própria fala, assumindo autoria e/ou responsabilidade sobre suas elocuições. Em outros termos, através da maneira como o locutor escolhe opinar podemos perceber um maior ou menor grau de compromisso com relação à opinião (Vieira, 2007, p. 107).

Além da posição, na argumentação, há, também, a *disputa* e a *sustentação* (Schiffrin, 1987). Enquanto a disputa diz respeito a um desacordo em relação a uma posição ou a sua sustentação, a sustentação consiste no apoio às posições em disputa. Schiffrin (1987) sugere, dessa maneira, que, na argumentação, há a divergência de posições.

Todavia, Schiffrin (1990) revê a definição sugerida por Schiffrin (1987) à argumentação e propõe que a atividade argumentativa pode ser motivada por outros fatores que não a resolução de desacordos ou a negociação. Nesse sentido, ao definir a opinião como sendo uma “posição avaliativa interna de um indivíduo sobre uma circunstância” (Schiffrin, 1990, p. 244), a autora aponta a dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa.

Schiffrin (1990) distingue, dessa forma, dois tipos de argumentações, a saber: argumentações passíveis de verificação (posições) – cujo caráter tende a ser mais objetivo – e argumentações subjetivas (opiniões ou posições avaliativas) – que são relacionadas a crenças e valores, implicando, assim, incerteza acerca das circunstâncias.

A partir das importantes considerações de Schiffrin (1990) acerca do tratamento da avaliação em sequências argumentativas de fala opinativa, trataremos aqui do trabalho fundamental de Vieira (2007), que associa argumentação e avaliação no discurso de opinião – estudo que norteia e embasa o presente artigo.

Vieira (2007) investigou como a avaliação se manifesta em sequências argumentativas na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança. A autora identificou a seguinte regularidade em seus dados: “a avaliação ocorre como uma coda (CODA) que expressa a atitude do falante, tal como nas narrativas” (Vieira, 2007, p. 145). A coda realiza-se, no *corpus* de Vieira (2007), não apenas no fechamento de sequências argumentativas (estrutura maior), mas funciona, também, como uma conclusão da sequência precedente e como uma opinião que abre a sequência posterior (fechando cada parte dessa estrutura). Vieira (2007) identificou, ainda,

que a avaliação, além de ocorrer como coda argumentativa, pode emergir encaixada em outro constituinte (AVAL), de maneira a modalizar a força das *unidades de construção de turno* (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974) que o antecedem. Segundo a autora, enquanto a avaliação encaixada é sinalizada por pistas linguísticas explícitas de subjetividade, a avaliação como coda pode ser manifestada seja por pistas de subjetividade seja através de um processo inferencial.

A análise de Vieira (2007) evidencia que a avaliação encaixada pode atuar em movimentos argumentativos (doravante, MAs) tanto de opinião quanto de sustentação. Nas opiniões simples, de acordo com autora, a avaliação é, normalmente, sinalizada por marcas linguísticas, paralinguísticas, pela forma *eu acho X* (em que X pode ser uma oração introduzida pelo conectivo *que* ou por meio de *pequena cláusula avaliativa*⁷) ou, ainda, por traços inferenciais de subjetividade. Já nas opiniões complexas a avaliação pode se manifestar de duas formas, pela alternância de papéis de autor e animador (Goffman, 2002 [1979])⁸ ou pela modificação da força de proposição via modalização do que é dito (Gumperz, 2002 [1982])⁹.

Quanto à avaliação encaixada na sustentação, Vieira (2007) aponta que esta pode ser marcada por pistas linguísticas de subjetividade (como intensificadores, modalidade deôntica, reformulação da fala, etc) ou pode ser percebida através de um processo inferencial. Segundo a autora, embora a justificação e as “evidências” possam ser formatadas a partir de fatos objetivos (constituem argumentos racionais ou “evidências” sem nenhum traço de subjetividade), estes, muitas vezes, só podem ser entendidos como avaliação mediante um processo inferencial. Vieira (2007) identifica, também, a avaliação na sustentação através de *narrativas factivas*, *hipotéticas* e *fictivas* (Oliveira, Bastos & Pereira, 2007), as quais podem ser apresentadas como fatos objetivos com marcas de subjetividade ou formatadas inferencialmente por meio de fatos objetivos.

Portanto, Vieira (2007, p. 151), defende que “a dimensão avaliativa encontra-se completamente imbricada na argumentação em discurso de opinião”, seja na posição, seja na sustentação, marcada por expressões de subjetividade ou formatada mediante um processo inferencial que emerge da apresentação de fatos objetivos.

⁷ De acordo com Vieira (2007), as *pequenas cláusulas* são construções apositivas que, normalmente, se realizam através de verbo de ligação mais adjetivo avaliativo ou, apenas, através de substantivo ou adjetivo avaliativo.

⁸ De acordo com Vieira (2007, p. 146), “a avaliação encontra-se intrínseca à opinião, não havendo necessidade de expressões avaliativas pelo fato de a própria mudança em *footing* (Goffman, 1981) efetuada no interior da opinião ser avaliativa”.

⁹ Vieira (2007, p.146-147) destaca que “a avaliação não é sinalizada pelo jogo de papéis, mas pela modificação de força manifesta através de *pistas de contextualização* (Gumperz, 2002 [1982]) que direcionam a opinião para o negativo”.

3. Metodologia de pesquisa

Nossa metodologia consta de uma análise qualitativa das ocorrências encontradas, uma vez que nosso objetivo é explicar como a avaliação se manifesta na argumentação da fala opinativa.

Para a constituição do nosso *corpus* sincrônico, utilizamos entrevistas sociolinguísticas que compõem três *corpora* distintos, a saber, o *corpus* do Projeto Mineirês: a construção de um dialeto, o *corpus* do projeto PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua e o *corpus* do projeto NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro. A seguir, apresentamos um quadro para melhor visualização da constituição de nossa amostra representativa:

<i>CORPUS</i>	DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	NÚMERO DE PALAVRAS
Projeto Mineirês: a construção de um dialeto	Projeto coordenado pela Professora Jânia Ramos na UFMG.	300.000 palavras
PEUL – Programa de Estudos sobre o uso da língua	Projeto coordenado por professores e pesquisadores na UFRJ.	300.000 palavras
NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro	Projeto é coordenado pela professora Dinah Maria Isensee Callou na UFRJ.	300.000 palavras
Total		900.000 palavras

Quadro 1 – *Corpora* analisados

Adotamos, para tanto, o método da seleção aleatória das entrevistas, todas datadas dos séculos XX e XXI, tendo como critério básico o recorte de mesmo número de palavras em cada um dos *corpora*.

As unidades de análise adotadas no presente artigo são a microconstrução com o MD *veja bem* em sequências argumentativas e os movimentos argumentativos (MAs).

Ver é um *verbo perceptivo* que tem por característica a expressão da percepção sensorial desempenhada pelos órgãos dos sentidos, sendo este seu sentido mais concreto ou [- subjetivo]. Além de percepção sensorial, em muitos contextos, tal verbo desenvolve, a partir de uma projeção metafórica (expansão de sentido), a função de expressão da percepção cognitiva, sendo esta nova função constituída por um sentido mais abstrato dos verbos ou [+ subjetivo] (Matos, 2012). Em *veja bem* – MD derivado do verbo *ver* –, cuja configuração construcional realiza-se na forma imperativa, acreditamos que ocorra uma mescla de sentidos, uma vez que é possível verificar, além de vestígios do sentido original e mais concreto, também o sentido mais abstrato, o que significa dizer que a origem semântico-pragmática pode ser recuperada. Assumimos, ainda, neste trabalho, a multifuncionalidade do MD *veja bem*, uma vez que consideramos

que, além de atuar na *chamada de atenção do ouvinte* (Rost-Snichelotto, 2009), ele auxilia, também, na sequencialidade do texto, ou seja, opera simultaneamente com função interacional, sinalizando maior envolvimento do falante com seu interlocutor, e textual, compondo a argumentação na fala opinativa.

Uma vez que pretendemos investigar como a avaliação se realiza na construção com o MD *veja bem* na fala opinativa e evidenciar como esta atua no contexto de sustentação na sequência argumentativa, outra unidade de análise que adotamos são as seguintes categorias de MAs:

- (i) APOI: movimento de apoiar, sustentar uma opinião (pró-argumentando) (Gille, 2001; Vieira, 2007).
- (ii) AVAL: movimento de avaliar uma opinião ou uma sustentação (Vieira, 2007).

Não serão utilizadas todas as categorias apontadas por Gille (2001) e Vieira (2007), por estarmos verificando, apenas, os movimentos argumentativos que ocorrem em torno da microconstrução com o MD *veja bem*.

4. A dimensão avaliativa na sustentação com a microconstrução com o MD *veja bem*

A sustentação, de acordo com Vieira (2007), constitui a argumentação propriamente dita, ou seja, é nesse componente que são apresentadas as provas (fatos objetivos) para fundamentar as opiniões. Contudo, segundo a autora, embora os argumentos racionais ou fatos sejam apresentados, muitas vezes, sem nenhum traço de subjetividade, eles são capazes de nos fazer inferir os valores sociais avaliados pelo falante. Desse modo, tais argumentos se relacionam à subjetividade do indivíduo que está sustentando sua opinião.

A sustentação nas sequências argumentativas que compreendem a construção com o MD *veja bem* que investigamos é expressa por MAs de APOI por “evidências”¹⁰ e por justificação.

As “evidências”, de acordo com Vieira (2007), constituem sustentações à opinião do falante, as quais podem realizar-se através de “*evidência*” *formal*, de *fato* ou de *narrativa*. A “evidência” formal é sinalizada pelo silogismo clássico de premissa e conclusão representado pelo esquema *se F, então P* (Toulmin, 1958); o fato é um exemplo representativo de uma determinada situação; e a narrativa é um exemplo entremado de descrições e, às vezes, marcado pelo discurso reportado.

A partir de Oliveira, Bastos e Pereira (2007), Vieira (2007) distingue entre

¹⁰ Optamos por utilizar a expressão “evidências” entre aspas, assim como faz Vieira (2007) em virtude de muitas dessas evidências não poderem ser comprovadas empiricamente.

narrativa factiva, *narrativa fictiva* e *narrativa hipotética*. A narrativa factiva é aquela cujos fatos são localizados em um tempo determinado. Denomina-se narrativa fictiva aquela cujos fatos não podem ser localizados em um tempo determinado, mas, sim, cujos fatos se repetem, constituindo exemplos de ações rotineiras no contexto. Já a narrativa hipotética refere-se a uma realidade cuja existência é uma criação para fundamentar uma opinião.

Quanto à justificação, esta consiste no movimento argumentativo – geralmente, introduzido pelos conectivos causais *porque* ou *que*, explícitos ou implícitos no texto – através do qual os fatos objetivos são apresentados, a fim de equilibrarem a subjetividade da opinião do falante (Vieira, 2007).

Em nossos dados com a microconstrução *veja bem*, temos (i) a narrativa fictiva e fato compondo a sustentação por “evidência” e (ii) o fato, a narrativa factiva e a “evidência” formal operando dentro do movimento de sustentação por justificação.

A sustentação por “evidência” aparece em nossos dados realizando-se através de narrativa fictiva e fato, como veremos nos exemplos que se seguem.

No exemplo (1) abaixo, o MA de sustentação por “evidência” se dá mediante uma narrativa fictiva:

(1) E: Você prefere mais sê profissional liberal... as diferenças entre...[profissional liberal e funcionário público?]

F: [Acho que aqui fora é melhor pra se trabalhá] do que funcionário público, funcionário público tem que mandá. *Veja bem* meu caso, na área de educação, chega um professorzinho lá, pensa que é dono da Universidade, acha que estar do reitor ou de qualquer coisa, então só por isso a gente tem que obedecê, ele acha que ele manda, tem podê, quer menosprezá, existe isso lá dentro, é normal até. (*Corpus Sincrônico PEUL*, entrevista R09)

Em (1), o entrevistado – homem de 47 anos, morador do Rio de Janeiro – é questionado se prefere ser profissional liberal ou funcionário público. Após opinar que é melhor ser profissional liberal, ele apresenta sua sustentação por justificação, em que o conectivo *porque* está implícito no texto, como podemos verificar em “*funcionário público tem que mandá*”.

A construção com o MD *veja bem* encontra-se depois da justificação, iniciando uma “evidência” por narrativa fictiva, exercendo, desse modo, sua função de orientação para a organização do texto: “*Veja bem meu caso, na área de educação, chega um professorzinho lá, pensa que é dono da Universidade, acha que estar do reitor ou de qualquer coisa, então só por isso a gente tem que obedecê, ele acha que ele manda, tem podê, quer menosprezá, existe isso lá dentro, é normal até*”. Ainda, a construção com o MD chama a atenção do ouvinte para a avaliação negativa do falante em relação à situação de que, às vezes, professores da Universidade em que trabalha têm o hábito

de mandarem em outros profissionais que atuam em outras áreas na instituição, bem como de menosprezá-los. Tal avaliação pode ser percebida, dentre outras pistas linguísticas, pela expressão *professorzinho*, cujo diminutivo na palavra tem sentido pejorativo.

Portanto, a avaliação está encaixada dentro da sustentação por “evidência”, a qual atua para fundamentar tanto a opinião do entrevistado, de que é melhor ser profissional liberal, quanto à avaliação negativa projetada através da narrativa fictiva.

No exemplo (2), a sustentação por “evidência” também se realiza através de narrativa fictiva:

(2) F: É... então agora elas fazem um... um trabalho fora da alçada delas e... e... são pessoas intelectuais... eu acho que... aproxima... que reaproxima () entre o trabalho intelectual e o trabalho braçal... isso está havendo uma... um... excesso talvez... seja... aí um pouco retrógrado... pode ser até... mas eu acho que está aí havendo uma... um excesso... um excesso pra... tanto lugar... trabalho técnico... não é do intelectual... mas está nos (falando)... em... em... nessas barraquinhas né... e *veja bem*... eu às vezes gosto de parar e conversar... e eu... já vi muita gente formada... eles falando... (não estou bem) e então eu pergunto... eu pergunto... você tem um curso... superior? Ah... eu sou advogado... eu sou engenheiro... eu sou... não sei o quê... a mesma coisa com os motoristas de táxi... o... por força de saúde... eu trabalho nessas obras filantrópicas... eu resolvi ir de táxi... e então... eu conversei com eles... principalmente as pessoas assim mais jovens... eu procuro ver... porque que eles estão ali naquela função... e realmente eu fico muito admirada... porque é um número muito grande de pessoas universitárias... com nível universitário... tem muita gente com nível universitário... e estão no táxi... tem muita gente que... ah... eu fui mandada embora... eu perdi o emprego... e então... eu resolvi pegar o táxi () de um parente... de um não sei quem... um amigo... e estou fazendo isso... e eu digo assim... você está gostando disso? olha... está melhor do que estava... isso eu estou ouvindo constantemente... (*Corpus Sincrônico NURC/RJ*, entrevista 6)

No exemplo (2) acima, a entrevistada – senhora de 76 anos, moradora do Rio de Janeiro – opina acerca da situação de pessoas intelectuais estarem exercendo outro tipo de trabalho que não o de sua formação acadêmica, julgando estar havendo um processo *retrógrado*, no sentido de que trabalhos comuns têm sido mais valorizados hoje em dia.

Ela fundamenta sua opinião através da sustentação por “evidência”, que é iniciada pela construção com o MD *veja bem* e realizada através de narrativa fictiva. Além de iniciar uma narrativa, cumprindo sua função textual, o marcador também chama a atenção do ouvinte para as avaliações negativa e positiva que a senhora dá à situação. Ela avalia negativamente o fato de as pessoas com formação acadêmica não conseguirem sucesso com o seu trabalho, como é possível evidenciarmos no fragmento “e eu... já vi muita gente formada... eles falando... (não estou bem)”. Positivamente, ela

avalia a situação satisfatória de pessoas que executam um trabalho comum, como, por exemplo, o de taxista, como podemos evidenciar no discurso reportado de uma pessoa com quem ela conversou: “*está melhor do que estava*”.

A avaliação, desse modo, está encaixada dentro da “evidência” por narrativa fictiva, a qual é iniciada pela construção com o MD *veja bem* e sustenta tanto a opinião da senhora, de que tem havido uma inversão de valores na sociedade quanto ao tipo de trabalho executado, como as avaliações negativa e positiva projetadas através da narrativa.

No exemplo (3) abaixo, a sustentação por “evidência” realiza-se através de fato, mais precisamente, de dado histórico:

(3) E: O que faltaria no Brasil seria vontade dos políticos novamente...

F: E, e do povo também, a gente não pode jogar nunca a culpa toda nos outros... porque quem é eleito é votado por alguém...

E: Pelo menos agora, na década de noventa, né? Democracia...

F: É, não quer dizer, é não, *veja bem*, a década de oitenta já havia...

E: Isso é a década de oitenta ...

F: Em oitenta começou, e antes disso houve período de votação, quer dizer, o, claro antes da revolução de trinta o povo não tinha muita condição, porque as eleições eram muito fraudadas... mas de lá pra cá, tem, agora a informação, embora ela seja às vezes falseada, mas ela está, pelo menos nos grandes centros, a ... ao alcance de todo mundo, e, no entanto têm pessoas que você vê, chega, nas vésperas da eleição, o número de indecisos é enorme... (*Corpus Sinchrônico NURC/RJ*, entrevista 8)

Em (3), a entrevistada – senhora de 79 anos, moradora do Rio de Janeiro – aceita a opinião do entrevistador de que o que falta no Brasil é vontade dos políticos, acrescentando que a culpa também é do povo. Ela fundamenta sua opinião através de uma sustentação por justificação, a qual é iniciada pelo conectivo causal *porque*, como podemos ver em “*porque quem é eleito é votado por alguém...*”.

Em seguida, a senhora refuta a opinião do entrevistador de que, pelo menos agora, na década de noventa¹¹, a votação é democrática. E, então, contra-argumenta através da “evidência” por fato de que, na década de oitenta, as pessoas já votavam: “*veja bem, a década de oitenta já havia...*”.

A construção com o MD *veja bem* posiciona-se depois da refutação e em início de “evidência” por fato, orientando para a organização do texto. Além disso, o marcador também chama a atenção do ouvinte para a avaliação negativa do falante,

¹¹ Esta entrevista foi realizada no ano de 1998.

de que o povo não tem votado conscientemente.

A avaliação está encaixada na sustentação por “evidência”, que é iniciada por *veja bem* e que opera tanto na sustentação da refutação, quanto na sustentação da opinião e da avaliação negativa da entrevistada.

Já a sustentação por justificação aparece em nossos dados realizando-se através de fato, narrativa factiva e “evidência” formal ou silogismo clássico, como veremos nos exemplos que seguem.

No exemplo (4), temos o MA de sustentação por justificação se estabelecendo através de fato, ou seja, de exemplo típico ou representativo de determinada situação:

(4) E: E com relação ao que você falo sobre o fato dessas grandes empresas comprarem os times, o quê você acha disso?

F: Oh... isso daí ... é um negócio que eu sou totalmente contra. Porquê? Primeiro, veja bem: o futebol hoje ta em crise. Né? Hoje você... vê só pancada... cê num vê mais aqueles dribles sensacionais que eles davam antigamente. Então, eu acho que isso influencia muito a cabeça do jogador. Sabe? eles jogam por dinheiro. (Corpus Sincrônico Mineirês, entrevista Arceburgo 09)

No exemplo (4) acima, o entrevistado – menino de 15 anos, morador de Arceburgo, Minas Gerais –, questionado acerca de sua opinião sobre o fato de as grandes empresas comprarem os times de futebol, após opinar que é “*totalmente contra*”, apresenta sua sustentação por justificação, a qual é introduzida pelo conectivo causal *porque* e realizada mediante um fato (exemplo representativo da situação).

A construção com o MD *veja bem* encontra-se iniciando uma avaliação dentro da sustentação por justificação – orientando para o texto –, como podemos observar no fragmento “*Porquê? Primeiro, veja bem: o futebol hoje ta em crise. Né? Hoje você... vê só pancada... cê num vê mais aqueles dribles sensacionais que eles davam antigamente*”. O entrevistado, através do MD *veja bem*, chama a atenção do ouvinte para sua avaliação da situação analisada, a qual é apresentada de maneira explícita por meio de uma pequena cláusula (“*o futebol hoje ta em crise*”), a fim de fazer com que ele concorde com seus argumentos – orientando para a interação. Ainda, podemos verificar uma avaliação negativa do falante dentro da justificação por fato, que diz que “*hoje você vê só pancada*” e não “*aqueles dribles sensacionais que eles davam antigamente*”, sugerindo, assim, que a situação de compra dos times não tem trazido bons resultados ao futebol.

Temos, portanto, a avaliação encaixada dentro da sustentação por justificação é iniciada pela construção com o MD *veja bem*, a qual exerce simultaneamente função textual e função interacional. Desse modo, a justificação atua tanto para sustentar a opinião do entrevistado, de que é “*totalmente contra*” o fato de as empresas comprarem

os times de futebol, quanto para sustentar a avaliação explícita do falante, de que “*o futebol hoje tá em crise*” e a avaliação detectada na exposição do fato, de que a compra dos times não tem acarretado consequências positivas para o futebol.

No exemplo (5), temos a justificação realizando-se através de uma narrativa factiva:

(5) F: É, piscina, ginástica agora isso daí que agora tá em moda né, que tá na moda, né, ficar frequentando academia, Equipe 1, não sei o quê, e tal, são mais preguiçosos, só gostam disso.

E: [?]

F: É, não, porque *veja bem*, na época em que eu era jovem, lá em casa nós praticávamos esporte mesmo, [?], jogar, minha irmã jogava, voleibol, eu jogava futebol, basquete, vôlei. Agora, as minhas filhas já são mais preguiçosas. Gostam, muito, de uma piscinazinha, dar uma nadada, ou então malhar numa academia. (*Corpus Sincrônico NURC/RJ*, entrevista 5)

No exemplo (5) acima, o entrevistado – homem de 59 anos, morador do Rio de Janeiro – opina sobre a tendência atual dos jovens em frequentarem academias, o que ele julga ser uma atividade típica de jovens preguiçosos. Na sequência, ele sustenta sua opinião a partir de uma justificação introduzida pelo conectivo *porque*. A sustentação por justificação realiza-se através de uma narrativa factiva, como observamos em “*porque veja bem, na época em que eu era jovem, lá em casa nós praticávamos esporte mesmo, [?], jogar, minha irmã jogava, voleibol, eu jogava futebol, basquete, vôlei*”.

A construção com o MD *veja bem* está inserida dentro de uma sustentação por justificação, iniciando a narrativa factiva – orientando para o texto – e atuando na chamada de atenção do ouvinte para uma avaliação negativa implícita do entrevistado – orientando para a interação. Através da narrativa factiva, que se encontra dentro da justificação, o entrevistado avalia negativamente o fato de os jovens de hoje preferirem frequentar academias, haja vista que em sua época, ele e sua irmã praticavam “*esporte mesmo*”, tais como voleibol, futebol e basquete, sugerindo que atividades em academia não são esporte.

Temos, nesse exemplo, novamente, a avaliação encaixada na sustentação por justificação, a qual é iniciada pela construção com o MD *veja bem* – multifuncional (ou seja, exerce função textual e função interacional). Nesse sentido, a justificação sustenta tanto a opinião do senhor, de que frequentar academias é para preguiçosos, quanto a sua avaliação negativa, de que atividades em academia não constituem esporte.

No exemplo (6), temos a justificação realizando-se através do silogismo clássico de premissa e conclusão, representado pela fórmula *se F então P*:

(6) E: e qual o meio que a senhora acha de transporte que seja o mais eficiente? e o quê a senhora acha também das passagens?

F: eficiente... acho o automóvel (...)

E: ()

F: olha... economiza tempo né... economiza porque... é... isso aí acaba sendo também em dinheiro mas... eu acho que é mais o tempo... porque *veja bem*... se eu sair daqui em cinco minutinhos estourando uns dez minutos... eu estou na escola... se o trânsito estiver bom... (*Corpus Sincrônico NURC/RJ*, entrevista 18)

No exemplo (6), a construção com o MD *veja bem* posiciona-se dentro da sustentação por justificação, que se inicia com o conectivo *porque*, como verificamos em “*porque veja bem... se eu sair daqui em cinco minutinhos estourando uns dez minutos... eu estou na escola... se o trânsito estiver bom...*”. A entrevistada – mulher de 54 anos, moradora do Rio de Janeiro – sustenta por justificação sua opinião de que o automóvel é o transporte mais eficiente, pois economiza tempo. Nesse caso, temos a sustentação por justificação realizando-se pelo silogismo clássico, representado a seguir:

- i. Se eu sair daqui com o trânsito bom, então, em cinco minutinhos (estourando uns dez minutinhos), eu estou na escola.
- ii. O trânsito está bom.
- iii. Estou na escola em cinco minutinhos (estourando dez minutinhos).

A construção com o MD *veja bem* inicia o silogismo clássico, indexando sua função textual, ou seja, orientando o ouvinte para a organização do texto, bem como sinalizando a chamada de atenção do ouvinte para a avaliação presente no silogismo. É possível depreendermos que a entrevistada avalia positivamente o uso do automóvel em dia de trânsito bom, pois o tempo de deslocamento que ela diz gastar de sua casa até a escola é, relativamente, pequeno (aproximadamente, cinco ou dez minutos). Tal avaliação é verificada não só mediante uma inferência social, uma vez que cinco ou dez minutos de deslocamento no Rio de Janeiro significa algo positivo, mas também através de pistas linguísticas, como é o caso do uso de diminutivo em *minutinhos*, dando uma ideia de pouco tempo.

Nesse uso da construção com o MD, no exemplo (6), temos a avaliação encaixada na sustentação por justificação, que se realiza via silogismo clássico. Tal silogismo é iniciado, então, por *veja bem*, que estabelece as funções textual e interacional. A justificação, portanto, sustenta a opinião da entrevistada, de que o automóvel é o meio de transporte mais eficiente, bem como a avaliação positiva de que é satisfatório ir para o trabalho (escola) de carro em dia de trânsito bom, visto que leva poucos minutos para chegar a seu destino.

Observemos o exemplo (7), em que a sustentação por justificação realiza-se

através de fato:

(7) E: E a senhora acha que o tipo de relevo de uma cidade pode influir, é, na vida emocional das pessoas?

F: Ah, com certeza, com certeza. Isso...porque, *veja bem*, uma coisa que eu acho que falta no Rio, desse tipo, Paris tem, Roma tem, que Florença tem é o rio, o rio grande passando pela cidade, porque isso sempre dá movimento, entendeu?_Dá um clima, isso, eu diria que é a única coisa que falta pra beleza do Rio, é isso. (*Corpus Sincrônico NURC/RJ*, entrevista 8)

Em (7), a entrevistada – senhora de 79 anos, moradora do Rio de Janeiro –, questionada acerca de sua opinião sobre a possibilidade de o relevo da cidade influenciar na vida emocional das pessoas, sustenta sua resposta positiva (“*Ah, com certeza, com certeza*”) por justificação iniciada pelo conectivo causal *porque* e realizada através da exposição de um fato, como verificamos em “*porque, veja bem, uma coisa que eu acho que falta no Rio, desse tipo, Paris tem, Roma tem, que Florença tem é o rio, o rio grande passando pela cidade, porque isso sempre dá movimento, entendeu?*”.

A construção com o MD *veja bem*, posicionada dentro da sustentação por justificação, exerce sua função textual de iniciar a exposição do fato, bem como chama a atenção do ouvinte para a avaliação negativa, através da forma *eu acho que*, de que falta um rio passando pela cidade do Rio de Janeiro, e para a avaliação positiva de que os rios que passam por Paris, Roma e Florença são atrativos para as cidades (“*porque isso dá movimento*”).

Temos a avaliação encaixada dentro da sustentação por justificação, a qual é iniciada pela construção com *veja bem* – orientando para o texto e para a interação. Portanto, a justificação é um movimento que apoia tanto a opinião da entrevistada, de que o relevo pode influenciar na vida das pessoas, quanto às avaliações positiva e negativa, relacionadas ao fato de o rio passar pela cidade.

5. Considerações finais

A presente investigação, que teve como objetos de pesquisa a microconstrução com o MD *veja bem* – sob o enfoque da abordagem da gramaticalização de construções – e os movimentos argumentativos de sustentação e de avaliação em fala opinativa – sob o enfoque da abordagem interacional –, demonstrou, brevemente, como a perspectiva funcionalista aliada à perspectiva interacional pode auxiliar na compreensão de itens linguísticos que subjazem à interação comunicativa. Isso porque, no contexto linguístico investigado, a sustentação de opinião parece ser o local privilegiado para a ocorrência da construção com o MD *veja bem*, a qual articula tanto função textual

quanto função interacional. E o fato de termos identificado, de maneira praticamente categórica, a sustentação como o contexto de atuação do marcador já nos sinaliza um possível padrão construcional para a realização da construção *veja bem* em sequências argumentativas.

Ainda, a análise dos dados evidencia que, na sustentação da opinião, a construção com o MD *veja bem* ocorre, principalmente, em início de avaliação explicitamente subjetiva ou em início de narrativa fictiva, narrativa factiva, silogismo clássico e fato, em que a avaliação encontra-se encaixada na argumentação – ou seja, nosso trabalho trata, apenas, dos MAs que circundam a construção *veja bem* – isto é, dos movimentos de sustentação (APOI) e de avaliação (AVAL). Desse modo, o marcador analisado, simultaneamente, sinaliza a organização do texto, em direção à sustentação, e indexa a chamada de atenção do ouvinte para com a avaliação positiva ou negativa imbricada na argumentação.

Entendemos, portanto, que o contexto argumentativo, em que a avaliação é comumente expressa, tende a ser o *locus* da ocorrência da construção com o marcador analisado, uma vez que fomenta leituras mais abstratas devido ao conteúdo elaborado das sentenças e às estratégias mais criativas e subjetivas do falante, o qual busca impactar e convencer seu interlocutor acerca de suas opiniões.

Referências

- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.
- CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.
- DIAS, N. B.; VIEIRA, A. T.; FERREIRA, J. C. L. A interface gramática e interação: cláusulas de finalidade e construções apositivas na sustentação de pontos de vista em uma audiência de conciliação do PROCON. In: SILVEIRA, S. B.; MAGALHÃES, T. G. (orgs.). *A fala-em-interação em situações de conflito: recursos linguísticos e práticas comunicativas*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, p. 135-151.
- FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 31- 42.
- GILLE, J. *Pautas argumentativas en el diálogo espontáneo: un estudio de conversaciones intra e interculturales*. 2001. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística). Stockholm University/Department of Spanish and Portuguese, 2001.

- GISBORNE, N.; PATTEN, A. Construction grammar and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 92-104.
- GOFFMAN, E. Footing. (Trad. Beatriz Fontana). In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002 [1979], p. 107-148.
- _____. *Forms of Talk*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2002 [1981].
- GONÇALVES, S.C.L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (orgs.). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002 [1982], p. 149-182.
- HOPPER, P. J. *Emergent Grammar*. v. 13. California: Berkeley Linguistics Society, 1987, p. 139-157.
- MARTINS, L. F. *A gramaticalização de marcadores discursivos com verbos de percepção visual em configuração imperativa: uma análise construcional*. 2013. 245 f. Dissertação de Mestrado em Linguística. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.
- MATOS, P. T. *Evidências sobre a polissemia e a gramaticalização do verbo “ver”*. 2012. 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.
- NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. In: *Functions of Language*. John Benjamins, 14:2, 2007, p. 177-202.
- OLIVEIRA, M. do C. L.; BASTOS, L. C.; PEREIRA, M. das G. Narrativas fictivas: experiência, comunidade e argumentação na fala de profissionais de uma empresa em processo de mudança. Comunicação Pessoal. In: *V Congresso Internacional da ABRALIN*, Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- ROST-SNICHELOTTO, C. A. *Olha e vê: caminhos que se entrecruzam*. 2009. 408 f. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. In: *Language*, v. 50, 1974, p. 696-735.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- _____. The management of cooperative self during argument: the role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, A. D. (ed.). *Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 241-259.

TOULMIN, S. E. *The uses of argument*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 624-647.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a, p. 219-250.

_____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSOON, R. (eds.). *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b, p.1-31.

_____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. de. (org.). *História do Português Paulista*. vol.1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 91-101.

_____. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, R. et al. (eds.). *Variation and change in English grammar and lexicon*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p. 11-27.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a, p. 19-30.

_____. *Toward a coherent account of grammatical constructionalization*. Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011b.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. New York: Oxford University Press, 2013.

VIEIRA, A. T. *A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança*. 2007. 160f. Tese (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

WALTEREIT, R. Grammaticalization and discourse. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 413-423.